

A FILOSOFIA DA PRÁXIS DE ANTONIO GRAMSCI: MAIS QUE INSTRUMENTALIZAÇÃO, POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO HUMANA.

Renata Jardim Coube

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares do Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Roberta Jardim Coube

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares do Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e Licenciada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Resumo:

Em tempos de violência instituída, guerra civil, escola fragmentada e fragmentária, torna-se premente uma alternativa à pedagogia política do capital. Diante de tais condições, delineamos a *filosofia da práxis* proposta por Antonio Gramsci como uma possibilidade de emancipação humana, sendo um processo contínuo e permanente capaz de responder aos problemas atuais de nosso momento histórico. Entendendo que a construção de uma nova ordem de relações sociais de produção, nova forma de gerir a vida, emerge de uma concepção dialética da educação que contém em si as preocupações da vida concreta. Ao termo marxista *filosofia da práxis* Gramsci acresce a especificidade de ser a razão (filosófica) uma dialética baseada no *bom senso* – núcleo mais sadio do senso comum – e no *senso comum* – visão de mundo mais difundida no seio das classes sociais subalternas (MOCHCOVITCH, 1988, p. 14). Enfim, uma verdadeira proposta educacional capaz de instrumentalizar as classes subalternas para que assumam protagonismo social, tornando-se também governantes, encontra-se no entendimento do que significa a locução *filosofia da práxis*, que “nos Quaderni del Carcere vai gradativamente substituindo a expressão “materialismo histórico”. Com isso, Gramsci procura não apenas se subtrair à censura carcerária, mas, principalmente, visa contribuir para a consolidação e atualização da nova concepção de mundo, uma tarefa na verdade percebida por Labriola, que havia já afirmado que “A filosofia da práxis é o coração do materialismo histórico” (SEMERARO, 2005). Partiremos da análise bibliográfica retomando algumas obras de Gramsci dedicadas ao conceito supracitado como ponto de partida para debater a urgência de encaminharmos uma proposta de educação que objetive a emancipação humana. É urgente provocarmos o debate sobre a emancipação do homem rompendo com a lógica perversa do capital, para o ensino, e isso depende da mudança na ordem das relações sociais de produção. Ou seja, é necessária uma transformação social completa, uma nova ordem, porém, assim como pregava Gramsci, a mudança começa com a formação de novos homens, sujeitos que se reconheçam intelectuais e capazes de intervir integralmente na sociedade.

Palavras-chave: formação humana, emancipação e política.

A contemporaneidade exige de nós, educadores e estudiosos em educação, um esforço teórico constante e cuidadoso dotado de muito bom senso, ainda mais porque a complexidade da dinâmica capitalista distorce conceitos fundamentais para o entendimento da realidade desigual, causando consequências tanto para as análises quanto para a realização/materialização da vida prática em melhores condições. Tomando como referência a *Filosofia da Práxis*, expressão trabalhada por Antonio Gramsci durante a ditadura de Mussolini na Itália, torna-se central o conceito de hegemonia para a análise de conjuntura social se quisermos desmascarar os abusos enfrentados pela classe trabalhadora, inclusive no que diz à educação. *A hegemonia não é apenas uma construção ideológica, mas um espaço da construção de uma nova visão de mundo que se materializa e instrumentaliza a ação. Não é algo pronto e acabado, mas em construção e sem o que a chegada ao poder vai apenas reproduzir o mesmo já existente* (SILVA, 2007, p. 395-396). A educação formal não é a responsável, na esfera social, pela redenção humana, pois a construção da hegemonia se dá em todas as esferas da sociedade contornando a totalidade desta. Contudo, tem um importante papel na elaboração de um projeto contra-hegemônico capaz de superar a consequente alienação exacerbada no e pelo modo de produção capitalista.

Sendo assim, a teoria denominada *Filosofia da Práxis* atende a possibilidade da construção de um novo projeto de sociedade e de relações entre os sujeitos. Imaginemos uma proposta educacional baseada no intuito da emancipação humana. Na qual, seja na escola, seja no clube ou diante da televisão, a preocupação coletiva fosse a valorização da vida, do respeito ao ser e ao saber (do mais simples ao mais elaborado e difundido). Onde pessoas compreendessem o seu compromisso com a coletividade e seus direitos nela contidos. Neste Ideal, a situação narrada no filme *Ilha das Flores*¹ não estaria naturalizada e tão insistentemente comum, já que o cerne da proposta de Gramsci é o homem e o seu esforço em humanizar-se. O documentário para traduzir a sociedade de consumo acompanha a trajetória de um tomate: da plantação, passando pela seleção e chegando ao descarte – momento em que é jogado fora por não mais satisfazer certa dona de casa. No espaço da Ilha das Flores, em Porto Alegre, os tomates tornam-se alimento para os porcos e, assustadoramente, para as famílias em situação de miséria que moram por perto. As pessoas são autorizadas a entrar no terreno somente depois de

¹ Ilha das Flores é um documentário dirigido por Jorge Furtado e produzido por Mônica Schmiedt, Giba Assis Brasil e Nôra Gulart, de 1989, que denuncia de maneira incrivelmente inteligente o absurdo da sociedade do consumo e suas consequências na vida dos seres humanos.

serem alimentados os porcos. A miséria em todos os aspectos da vida humana, nesse exemplo, nega ao homem a possibilidade de exercer sua potência reflexiva, criativa, ou seja, distancia-o do que deveria ser óbvio, isto é, de sua própria humanidade.

Como alternativa ao processo educativo atual, que não instrumentaliza para a reação, mas para a continuidade, apostamos no princípio educativo gramsciano: um ideal coletivo de educação claramente distanciado dos interesses particulares (ou financeiros) em que, longe de não haver conflito – algo quase impossível na coletividade – a máxima seria o cuidado com as condições de existência da espécie humana e a oportunidade de instrumentos para enfim rebelar-se.

Para o teórico Antonio Gramsci, a Educação tem a função de consolidar o poder hegemônico ou contra-hegemônico, visto que garante um exercício fundamental em termos de cultura e ideologia – fato que a coloca a serviço dos principais interesses da organização social. Segundo ele, a Escola pode ser, portanto, um espaço de formação de intelectuais capazes de intervir nos diversos setores sociais como dirigentes do coletivo, à “disposição” dos mesmos. Assim, a instituição escolar pode ser um espaço de luta contra a dimensão ideológica da dominação de classe na sociedade capitalista.

No projeto filosófico e educacional gramsciano o que está em pauta é a emancipação universal da humanidade, de preferência pelo *consenso*², garantindo autonomia, realização com um maior índice de humanização. Uma proposta filosófica para a construção de uma civilização cosmopolita, uma vez que os homens precisam assumir sua condição de filósofos e intelectuais, condição propriamente humana.

Sendo assim, a educação deve elevar o homem do *senso comum* à *consciência filosófica* sendo elaborada dos diferentes pontos de vista: ético, estético, técnico e político, no exercício da subjetividade. Se a educação manifestada na escola possibilitar o exercício da reflexão crítica, a escola – a partir da dialética pedagógica – pode explicitar a ideologia dominante, ajudando a mais bem compreendê-la, podendo deste modo construir uma contra-hegemonia. Em poucas palavras, qualquer que seja a ideologia dominante, a escola precisa preparar para a crítica elaborada com autonomia, que permita ao sujeito constituir-se livremente

Esta formação precisa estar vinculada diretamente ao trabalho, que deve se realizar coletivamente unindo o desenvolvimento das capacidades intelectuais às atividades manuais. Ou seja, articular simultaneamente o pensar e o realizar com a

² Consenso na concepção da teoria gramsciana, no sentido da comunhão de ideias debatida e exercitada coletivamente, onde os sujeitos tem consciência do processo.

construção do conhecimento produzido na escola tendo, obrigatoriamente, que ter sentido para o desempenho das atividades da vida prática nos diversos campos de atuação. Substituiremos, então, o termo indivíduo pela expressão *sujeito*, pois o aprendiz, ser social, sujeito histórico, não só trabalhará por sua independência como terá de se dispor a aprender e a ensinar no coletivo. Nas palavras de Gramsci: *de um ensino quase puramente receptivo, dogmático, passa-se à escola criativa; da escola com disciplina imposta e controlada do exterior passa-se à escola em que a auto-disciplina intelectual e a autonomia moral são teoricamente ilimitadas* (GRAMSCI, 1978, p. 20).

Nessa perspectiva o sujeito é concebido como atuante no contexto em que estiver inserido e, para tanto, dependerá de uma formação completa, ativadora de todas as suas potencialidades. Gramsci elabora, então, uma proposta de *Escola Unitária* proposta entendendo o homem como produtor de sua própria história e, portanto, pretendo preparar agentes políticos conscientes de sua importância para a manutenção ou rompimento com o poder hegemônico. Um sujeito autêntico e crítico, realizado pelo trabalho, possui condições de avaliar e decidir por novos rumos para a coletividade.

A *Escola Unitária* trabalhará em consonância com o conceito marxista de *omnilateralidade*. Significa pensar o trabalho como uma categoria antropológica impregnado de valor para o desenvolvimento humano e através dele podemos alcançar a auto-realização ao mesmo tempo de uma identificação maior com a natureza, tudo isso potencializando a criatividade eminentemente humana. Gramsci retoma as ideias de Marx sobre a definição da categoria trabalho, a qual difere completamente do que se tem na sociedade capitalista e é, sem dúvida, de suma importância para uma transformação do modelo social vigente.

O homem formado na perspectiva da *Escola Unitária* seria um novo homem, capaz de pensar criticamente a sociedade e dirigi-la, se necessário, e ainda desenvolver qualquer trabalho ao longo da vida. A especialização de tarefas em qualquer trabalho e a ausência de conhecimento teórico claro mutila a capacidade do sujeito impedindo-o de desenvolver-se plenamente. A educação, na perspectiva capitalista, degenera o potencial criativo em sua essência, na medida em que reduz o conteúdo (saber), valoriza a quantidade e cria uma “cultura de massa”, determinando um padrão único supervalorizado a cada fase do seu destruidor “desenvolvimento”. Como contra proposta às ações do capital, Gramsci entendia que *o proletariado precisava de uma escola viva, culta, aberta, livre como entendiam os melhores espíritos renascentistas* (NOSELLA, 2004, p 50).

As críticas de Gramsci são severas ao mecanicismo instalado na educação, se avaliasse as escolas brasileiras no dias de hoje, principalmente as destinadas aos trabalhadores, seria enfático quanto a essa característica como veremos suas palavras abaixo resgatadas por Nosella:

Para o proletariado é necessária uma escola “desinteressada”. Uma escola que dê à criança a possibilidade de se formar, de se tornar homem, de adquirir aqueles critérios gerais necessários para o desenvolvimento do caráter. Uma escola humanista, em suma, assim como a entendiam os antigos e mais próximos homens do Renascimento. Uma escola que não hipoteque o futuro do garoto, nem obrigue sua vontade, sua inteligência, sua consciência e informação a se mover na bitola de um trem com estação marcada. Uma escola de liberdade e livre iniciativa e não uma escola de escravidão e de mecanicidade. Também os filhos dos proletários devem ter diante de si todas as possibilidades, todos os campos livres para poder realizar sua individualidade de formar melhor, e por isso no modo mais produtivo para eles e a coletividade. A escola profissional não pode se tornar uma encubadeira de pequenos monstros mesquinamente instruídos para um ofício, sem idéias gerais, sem cultura geral, sem alma, possuidores apenas de um olhar infalível e de uma mão firme. (C. T.. 1980, 671 in NOSELLA, 2004)

Gramsci utiliza em seus escritos, especialmente, no jornal do PSI, “O Grito do Povo” de outubro de 1914³, momento inicial da 1ª Grande Guerra Mundial, a expressão escola “desinteressada”. O termo “desinteressado” é intrigante e irá marcar incisivamente as divergências originais dos planos de sociedade do projeto marxista de mundo. Gramsci provoca a reflexão quando oferece termos (*cultura desinteressada, escola e formação desinteressadas*) que conota[m] horizonte amplo, de longo alcance, isto é, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas a coletividade e até a humanidade inteira. (NOSELLA, 2004, p.42). Sendo o vocábulo *interesse* muito comum no capitalismo, usar seu antônimo implica em movimentar o imaginário das pessoas exatamente para o que se deseja romper – com o interesse pessoal dos desejosos de lucro e de nenhuma humanidade.

A *Escola do Trabalho*⁴ deveria ser exigida pelo próprio proletariado, dizia Gramsci, já que é esta a classe submetida à dominação e exploração pelo próprio trabalho. O trabalho manual e o intelectual precisam caminhar juntos, devendo o trabalhador ser agente da transformação. Não se trata de fazer afirmações ao vento, como

³ Informações recolhidas do livro *A Escola de Gramsci* de Paolo Nosella que encontra-se no referencial bibliográfico deste trabalho.

⁴ Expressão utilizada por Gramsci em 1916 nas publicações do *Jornal do PSI*. Ver Nosella, 2004.

“palavras de ordem” descontextualizadas, como se transformação fosse algo simples, só bastando aos trabalhadores decidirem por ela e pronto. Há de se considerar a correlação de forças pertencentes à dinâmica de qualquer sociedade. Mas, trata-se de esclarecer para reivindicar uma conexão entre trabalho e educação que dê sentido ao contexto social e sirva como instrumento de libertação da ordem de classe.

Qual é hoje a condição humana no contexto histórico do desenvolvimento do capital? Condição de miséria social que, mesmo com tantos avanços inteligentes já produzidos, condena a espécie ao contexto de violências e guerra civil. Na mesma direção dos avanços tecnológicos, pertinentes à ordem capitalista, sofremos com a precarização e degradação da condição humana. Porém, em se tratando de miséria produzida o problema é ainda mais grave. Ao submeter sua espécie a esta condição o homem prova não tomar consciência de que tal feito é a sua própria condenação. Nesse sentido, tomar consciência do potencial educador dos projetos políticos de governo, que controlam a mídia, contaminam a arte, distorcem acontecimentos e enfraquecem a luta por uma vida digna é estratégico contra o projeto hegemônico. Ou seja, pensar numa formação capaz de dar subsídios para que o sujeito reflita sobre o potencial educador dos projetos políticos em disputa para, a partir daí, assumir sua posição no mundo compreendendo o significado de ser humano.

O projeto capitalista de educação é exatamente o contrário do ideal gramsciano. A formação baseia-se na intensificação do consumo, ou seja, exercita cotidianamente o ter em detrimento do desenvolvimento do ser. Neste projeto, a educação está, lamentavelmente, com mais força nas mãos da mídia, instrumento da ideologia dominante, que propriamente orientada pela escola. O projeto ideológico do capital, atualmente *neoliberalismo*, minimiza a ação da escola e investe nas propagandas do consumo, do empreendedorismo, na lógica do descartável.

Com isso, as anomalias sociais do mundo contemporâneo são observadas cotidianamente sem nenhuma perplexidade. Pessoas sobrevivendo na mais estúpida miséria, crianças sem a menor chance de “ser”, ou escolher ser, num quadro caótico (de relações e condições materiais) aceito como natural apesar de pertencermos à mesma espécie. O conhecimento aprendido na escola não tem servido para preparar um olhar crítico reflexivo em que, percebendo os absurdos, não permitíssemos sua continuidade. A escola é ao mesmo tempo mantenedora do sistema político-econômico vigente e produtora de condições para um projeto contra-hegemônico. Pode formar cada sujeito "como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige"

(GRAMSCI, 2000, p. 49), de trabalhar a interferência autônoma, deste sujeito, na dinâmica política em condições de entendê-la profundamente tendo a decência de garantir os direitos do coletivo acima dos interesses pessoais. Entretanto, o desempenho da escola depende do modelo social organizado, pois a instituição atenderá aos interesses em potencializar e manter o mesmo.

Em suma, uma formação íntegra pretendendo humanizar e preparar homens capazes de contribuir para o desenvolvimento integral de outros homens. Investir na necessidade de formar dirigentes políticos organicamente envolvidos num projeto de sociedade livre em um novo modelo de escola voltada para uma formação integral. Uma Educação que dê condições de questionar a ordem e de construir coletivamente uma nova hegemonia superando a sociedade de classes essencialmente desigual. Como diria István Mészáros *uma Educação que produza insubordinação, rebeldia, que redescubra suas relações com o trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação...uma educação para além do capital* (MÉSZÁROS, 1930, p. 16).

É importante destacar que o texto é introdutório e não pretende esgotar a perspectiva trabalhada pelo autor, mas sim de ratificar a atualidade dos estudos gramscianos que, ao contrário do que prega o “oportunismo”, é revolucionário inclusive na concepção de sujeito e na formação necessariamente política/ética/técnica baseada na experiência concreta.

Referência bibliográfica

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (1932) Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: _____. **Cadernos do cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. V. 2, p. 15-53.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. São Paulo: Ática, 1988.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Educação e política no Brasil de hoje**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **A nova pedagogia da hegemonia: estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SEMERARO, Giovanni. **Gramsci e os novos embates da Filosofia da Práxis**. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2006.

SILVA, Carla Luciana. Resenha. Política brasileira: embate de projetos hegemônicos. Tempos Históricos (EDUNIOESTE), v. 10, p. 395-402, 2007.

SOUZA, José dos Santos. Trabalho, educação e luta de classes na sociabilidade do capital. In: SOUZA, José dos Santos; ARAÚJO, Renan (org). **Trabalho, educação e sociabilidade**. Maringá: Práxis: Massoni, 2010.